

## **Amor à Máquina: uma Análise Hermenêutica em Profundidade da Seção de Tecnologia da Revista Nordeste 21<sup>1</sup>**

Edson Ramos de Oliveira Costa<sup>2</sup>

Mairon Hothon do Nascimento Torres<sup>3</sup>

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

### **RESUMO**

O presente trabalho visou compreender e analisar o padrão de cobertura da seção de tecnologia, chamada “3º Milênio”, da revista Nordeste 21. Para tal, usou-se o modelo de investigação da Hermenêutica de profundidade. A análise sócio-histórica se baseou na revolução industrial, a análise discursiva lançou mão da semiótica, e a interpretação dos fatos se deu por meio do referencial de responsabilidade social dos meios de comunicação e dos critérios de qualidade jornalística. Encontrou-se na revista, que se diz crítica, um padrão de textos narrativo-positivos, sem referência às questões sociais, históricas, culturais e políticas que envolvem as tecnologias, e de forte referência organizacional, privilegiando a empresa estadunidense Apple.

**PALAVRAS-CHAVE:** ciência e tecnologia; revolução industrial; semiótica; crítica social; qualidade jornalística.

### **1 INTRODUÇÃO**

O avanço do simples para o complexo, através de um processo de sucessivas diferenciações, é igualmente visto nas mais antigas mudanças do universo que podemos conceber racionalmente e indutivamente estabelecer; ele é visto na evolução geológica e climática da Terra, e de cada um dos organismos sobre a sua superfície; ele é visto na evolução da Humanidade, quer seja contemplada no indivíduo civilizado, ou nas agregações de raças; ele é igualmente visto na evolução da sociedade com respeito à sua organização política, religiosa e econômica; ele é visto na evolução de todos... os infindáveis produtos concretos e abstratos da atividade humana. (SPENCER, Progresso: sua lei e causa, 1857, *apud* CASTRO, 2005, p.26).

Ao contrário do que caiu no senso comum, não foi Charles Darwin o primeiro a popularizar a palavra “evolução”, no sentido de um sistema autogerido de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do Intercom Júnior, evento componente do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, e orientado pelo Professor Mestre João Dantas dos Anjos Neto, professor dos cursos de comunicação social da Universidade Federal de Sergipe.

<sup>2</sup> Estudante do 6º período de Comunicação Social – Hab. Jornalismo da UFS, email: edson\_costa16@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Estudante do 8º período de Comunicação Social – Hab. Jornalismo da UFS, email: maironhothon@gmail.com

transformações e melhoras. O termo só foi incorporado à sua obra mais famosa, “A Origem das Espécies”, na sua sexta edição, no ano de 1872. O filósofo Hebert Spencer, em seu livro “Estética Social” de 1851, foi o primeiro a popularizar o termo. Segundo CASTRO (2005, p. 26) Spencer expandiu sua concepção de evolução para tudo que existe e puder ser imaginado, aproveitando-se e ajudando a propagar as ideias modernas da Europa do século XIX.

Assim como Darwin cria sua corrente de evolucionismo biológico, Marx desenvolve ideias de evolucionismo econômico, Kardec as ideias de evolucionismo espiritual e, no contexto da citação de CASTRO, antropólogos crerão no evolucionismo cultural, onde todos os povos naturalmente evoluiriam para o padrão europeu de civilização. Da mesma forma, BRIGGS e BURKE (2002) em seu trajeto pela história social da mídia, apontarão o quanto a imprensa e outras instituições sociais se mostravam deslumbradas e crendo num avanço necessariamente benéfico das ciências e da tecnologia.

Algumas das ideias de evolucionismo caíram em desuso, enquanto que outras permanecem amplamente aceitas. Mas, já é defendida por muitos autores uma postura de responsabilidade dos meios de comunicação de massa pelo que publicam, devido à sua própria natureza, e a necessidade de refletir sobre as distorções sócias que o avanço científico e tecnológico podem provocar.

Além, é claro, dos critérios de qualidade jornalísticos, mencionado por muitos, mas com fraquíssimo esforço para definir e propor métodos de aferição. Neste trabalho, de fôlego limitado, buscamos empreender brevemente um estudo para compreender e analisar o que tem sido feito na seção sobre ciência e tecnologia num veículo regional que se propõe crítico: a revista Nordeste 21.

## **2 METODOLOGIA**

O objetivo deste artigo é analisar o padrão de cobertura da revista Nordeste 21 sobre ciência e tecnologia, na seção intitulada “3º Milênio”. A amostra analisada compreende seis meses da revista, de Novembro de 2011 até Abril de 2012, o que representa seis edições. Ao todo, foram analisados 47 textos, uma vez que a coluna “Cyber Space”, eventualmente, subdividia-se em vários textos sem ligação de tema ou proposta discursiva, o que nos fez considera-los textos autônomos.

Nosso objetivo é desenvolver uma experiência de análise que THOMPSON (1995: 362) chamará de Hermenêutica de Profundidade (HP) o que, em si, pode seguir por diversos caminhos metodológicos, mas com um grande objetivo geral: descobrir como as formas simbólicas (ciência e inovação tecnológica no caso deste trabalho) são interpretadas e compreendidas pelas pessoas que a produzem e recebem. Mas, devido ao curto fôlego deste trabalho, limitamos uma breve amostra da revista, e nos preocupamos apenas com os produtores das formas simbólicas, leiam-se aqui os jornalistas, em relação ao contexto que representam.

Pois como afirma GUERRA (2010), as notícias são meros recortes de fatos reais. Nossa perspectiva é a mesma que THOMPSON (1995) apresenta, de responsabilidade social da mídia em divulgar mensagens em larga escala. Ele o faz debruçado sobre o sistema de radiodifusão, mas podemos aplicar suas ideias também à mídia impressa. Nossa posição se reforça pelo fato da publicação em análise se proclamar crítica e geradora de criticidade em seu público regional.

Seguindo o caminho geral proposto por THOMPSON (1995), começaremos a nossa análise por uma contextualização sócio-história do padrão discursivo da mídia sobre ciência e tecnologia. Tomaremos como marco histórico a Revolução Industrial, pela divisão proposta por ARRUDA (1994 *apud* ARAÚJO e SANTOS, 2009), crendo assim que passamos agora pela quarta fase da revolução que segue em curso.

Em seguida, empreenderemos uma análise discursiva do que é publicado na revista na sua seção dedicada ao tema. Dentre as diferentes formas de análise proposta por THOMPSON (1995), escolhemos a análise semiótica de textos verbais, de acordo com a divisão proposta por SANTAELLA (2001).

Especificamente, buscamos descobrir o grau de profundidade dos textos: se descritivos, narrativos ou dissertativos. Mas, também buscamos avaliar se o posicionamento dado no texto é positivo, neutro, ou negativo. Esse segundo momento de análise mostrou-se necessário pelo caráter fortemente organizacional dos textos publicados: das 47 amostras analisadas, 42 fazem menção a alguma organização, quase que constantemente sobre lançamentos empresariais. Logo, por haver interesses pessoais envolvidos na cobertura pretensamente jornalística, fez-se necessário avaliar o posicionamento.

Inicialmente, a intenção foi levantar dados quantitativos sobre o padrão discursivo encontrado na cobertura, por isso dedicamos tempo a formular tabelas comparativas dos números de textos descritivos, narrativos ou dissertativos. Também cremos ser

interessante a colocação do quantitativo em dados percentuais. Mas, devido ao número total ímpar de textos analisados, os percentuais tiveram de ser aproximados, não totalizando o número 100 numa simples soma aritmética. Depois da primeira análise, encontrado o nível de referências organizacionais, detalhamos todas as instituições citadas, sendo elas comerciais ou não, quantas vezes são citadas, e o percentual de comprometimento organizacional da cobertura.

Em seguida, formulamos tabela informando a natureza do posicionamento nos textos como positivo, negativo ou neutro. Igualmente à primeira, pusemos números totais ao lado de seus respectivos equivalentes percentuais aproximados. Então, buscamos cruzar os dados sobre o nível discursivo e o posicionamento discursivo, o que resultou em mais duas tabelas: uma cruzando números totais, e outra cruzando percentuais aproximados. Mas, nos preocupamos em não ficar somente no levantamento quantitativo, analisando os dados à luz de referenciais escolhidos.

Findada a análise discursiva, o terceiro passo na proposta de THOMPSON (1995) é a interpretação ou re-interpretação dos dados encontrados. Em se tratando de um produto jornalístico, a revista Nordeste 21 apresenta caráter dúbio: produto prestador do serviço social de direito à informação e produto aferidor de lucro (GUERRA, 2012). Por isso, a interpretação dos resultados da análise discursiva requer padrões de qualidade jornalísticos, fornecidos por GUERRA (2012), e padrões de responsabilidade social, fornecidos pelo próprio THOMPSON (1995).

### **3 ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA**

Para empreender a análise sócio-histórica, buscamos estabelecer um marco espaço-temporal que servisse de contexto para o cenário atual. Por meio da proposta de ARRUDA (1994 *apud* ARAÚJO e SANTOS, 2009), escolhemos trabalhar com a Revolução Industrial iniciada na Inglaterra no século XVIII, por ter transformado tanto os paradigmas tecnológicos quanto os sociais no ocidente. Entretanto, não convém detalhar os fatos históricos da revolução num trabalho de alcance limitado, preferindo assim explanar os fatos gerais e nos centrar nos conflitos entre sociedade e correntes midiáticas de deslumbramento às tecnologias. Segundo o autor, são quatro as fases da Revolução Industrial:

- a) (1760-1850) Produção têxtil movida a vapor na Inglaterra
- b) (1850-1900) Expansão pela Europa, Estados Unidos, Japão, partes da América Latina e da África. Adoção da energia elétrica, conseguida por derivados fósseis ou por usinas hidroelétricas, a invenção da locomotiva e do barco a vapor.
- c) (1900-1980) Nascimento e expansão de empresas multinacionais, automatização do processo produtivo, produção em série; nascimento e expansão da indústria química, indústria eletrônica, indústria da comunicação e crescimento da robótica.
- d) (1980 - ) Uso da informática, que acelerou tanto a produção quanto a circulação dos produtos industrializados.

Maurício Dobb se preocupou em sinalizar que divisões como a de ARRUDA correm o risco de se basear unicamente em marcos tecnológicos, sem levar em consideração os fatores sociais (DOBB, 1981), postura que, justamente, este trabalho tenta rastrear por parte da mídia. Mas, seguimos nesta proposta de divisão por incluir fatores de integração mundial, hoje muito caros ao ramo da tecnologia no mundo supostamente globalizado, e para não correr o risco de entrar em conflitos e posturas não pertinentes a este trabalho.

### **3.1 Os conflitos sociais**

Ao contrário do sistema medieval, conta ARAÚJO e SANTOS (2009), o sistema capitalista agora vigente não tinha leis de restrição. Cada proprietário estipulava livremente a jornada de trabalho, o salário e a forma de produção. O trabalhador perdeu o controle sobre os processos de produção, que agora eram intelectualmente dominados pelo dono, e executado pelo operário de modo braçal: tal hierarquização de conhecimentos também justificava os baixos salários dos operários. De fato, é essencialmente igual ao que ocorre hoje, mas no início da Revolução Industrial não havia meios de aprendizado que gerassem mobilidade financeira e social.

Segundo os autores, duas novas classes sociais se estabelecem: a burguesia, com dinheiro mas sem título de nobreza ou costume com a arte erudita, e o proletariado, uma classe empobrecida e urbana, em grande parte formada por antigos camponeses que possuíam pequenas terras antes do governo britânico toma-las nas políticas conhecidas

como “cercamentos”. Segundo MOTA e BRAICK (1997) foi o trabalhador quem passou a servir à máquina, num trabalho monótono e cansativo e, por isso, sujeito à acidentes. Mulheres e crianças também tiveram de trabalhar.

Aliás, MANTOUX (s.d. *apud* MOTA e BRAICK, 1997) afirmam que crianças eram até preferidas, por aprenderem fácil e ganharem bem menos. No século XIX, conta as autoras, cresce a classe média urbana e o status do padrão de vida burguês. Mas surgiram os movimentos de revolta. O mais conhecido foi o ludismo, tendo sido Ned Ludd primeiro a quebrar o tear do patrão numa discussão com ele em Loughborough, região de Leicestershire. Os movimentos de revolta eclodiram em Nottingham, Lancaster e York.

Os idéias liberais que ampliaram os poderes da burguesia e a democracia na Europa nas revoluções burguesas do século XVII, conta THOMPSON (1995) não foram o bastante para distribuir os benefícios sociais conseguidos com as novas tecnologias. A luta cresce com o surgimento, no século XIX, dos sindicatos e partidos políticos, e a Liga dos Homens Justos encomenda a Marx o “Manifesto do Partido comunista” (ARAÚJO e SANTOS, 2009). Segundo contam MOTA e BRAICK, os operários não estavam contra a revolução tecnológica, mas sim contra sua alienação dos benefícios desta. A máquina não era uma vítima: era uma refém.

### **3.2 A postura midiática**

BRIGGS e BURKE (2002) contam que as palavras “invenção”, “descobrimto” e “desenvolvimento” foram cunhadas antes mesmo dos termos “ciência” e “tecnologia”. O amor pela constante descoberta gerou sérios litígios jurídicos entre países europeus por causa de patentes. A produção de obras culturais, agora em escala e em natureza industrial, se volta para a fantasia, a exaltação das novidades. Até então, Marx e poucos outros apontavam para futuras lutas de classe.

“Por prever o futuro – e sonhar com ele – mito e ciência frequentemente são invocados: Ícaro, que tentou voar, aparece tanto quanto Prometeu, que roubou o fogo. Marx falava de Vulcano, o alimentador de fornalhas” (BRIGGS e BURKE, 2002, p. 123). Segundo os autores, é como se, no século XIX, o mundo tivesse se transformado na Casa de Salomão, uma escola de inventores fictícia escrita por Francis Bacon, no século XVII. O

jornalismo, como conhecemos hoje, ainda não estava formado, uma vez que muitos países sequer garantiam liberdade de publicação.

Mas os Estados Unidos, de onde o modelo Telejornalístico brasileiro foi diretamente inspirado (BRASIL, 2005), foram a nação a abraçar com maior disposição as idéias evolucionistas de Spencer, dando indícios de que não só seriam uma “república da tecnologia” (BRIGGS e BURKE, 2002), mas da tecnologia aplicada ao capitalismo: invenções sem lucro eram simplesmente esquecidas. A invenção do telefone, telégrafo, e depois rádio e TV, aumentaram as possibilidades de comunicação de massa, mas artes, jornalismo, e seguem o padrão de fascínio da restrita classe privilegiada pelas inovações tecnológicas.

#### **4 ANÁLISE DISCURSIVA**

Embora reconheça as limitações da análise semiótica, principalmente na capacidade restrita que tem de contextualizar o sentido das formas simbólicas ao momento sócio-histórico, THOMPSON (1995) apresenta-a como boa alternativa para compreender as dimensões internas dos sentidos de uma construção simbólica, e sua relação com elementos psicológicos externos. Como exemplo, o autor cita (p. 370) as frequentes análises de peças publicitárias, onde os produtos são apresentados de modo a se associar com valores afetivos e desejáveis.

Tínhamos o intuito de aferir até que ponto se dava a criticidade da revista Nordeste 21, previamente declarada pela própria publicação. Por isso, julgamos adequado o modelo de análise semiótica, para encontrar os diferentes níveis de significação. Entendemos não ser comum a análise semiótica de linguagens verbais, pois muitos se valem da Semiótica somente para analisar linguagens não contempladas pela tradicional, e menos controversa, Linguística. Decidimos empreender o estudo, sem deixar de admitir uma postura simplificada perante os níveis da proposta de SANTAELLA (2001).

Não convém deter-se aqui numa análise detalhada da teoria dos signos descrita pela autora, mas é imprescindível começar atribuindo uma característica fundamental à natureza da linguagem analisada: em si tratando de textos verbais, predomina o caráter de legi-signo simbólico das palavras. Isso significa que as palavras são essencialmente abstratas, podendo inclusive referenciar objetos igualmente abstratos (SANTAELLA, 2001, p. 263). Dessa forma, ao discorrer sobre o posicionamento de diversos autores

sobre discurso e texto, a própria autora adotará o termo "discurso" quando tem a intenção de se referir a unidades de sentido formadas pela linguagem verbal.

A proposta de dividir o discurso verbal em descritivo, narrativo e dissertativo busca identificar a sequencialidade discursiva. Embora cada linguagem proposta pela autora (sonora, visual, verbal) tenha uma predominância de elementos sógnicos de determinada categoria peirceana (primeiridade, secundidade, terceiridade), é possível encontrar elementos das três categorias nas três diferentes linguagens. Logo, o discurso verbal nasce na terceiridade, por se valer de um sistema socialmente acordado de fala e escrita, mas pode apresentar, em suas construções, elementos de primeiridade na descrição, de secundidade na narração, e de terceiridade na dissertação. A autora inclusive destaca que dissertar, propor e confrontar ideias concretas e abstratas é uma habilidade única do discurso verbal.

Embora admitida não haver novidade na proposição dessas três fases na sequencialidade discursiva (SANTAELLA, 2001, p. 286), a autora propõe subdivisões em três modalidades de cada fase da sequencia discursiva, principalmente com a intenção de diferenciar discursos com diferentes naturezas e objetivos (artístico, religioso, científico, etc.). Mas, por se tratar da análise de textos jornalísticos, onde os fatos verídicos, empiricamente apreendidos pelo repórter, são o mínimo esperado pela audiência (GUERRA, 2010), exclui-se o fator imaginação como um dos sentidos disponíveis a construção do discurso, como aponta SANTAELLA (2001, p. 295).

Então, não nos preocupamos em expor as diferentes subcategorias dos níveis da sequencialidade discursiva, atendo-nos a classificação geral. Nos textos descritivos predominam as qualidades: "(...) descrever é traduzir para a linguagem verbal a apreensão que temos das qualidades das coisas, ambientes, pessoas e situações. Essa apreensão se dá por meio de nossos sentidos" (ibid, p. 295). Nos textos narrativos predominam os fatos.

(...) a narrativa seria um modo de organização da linguagem que tende a registrar através do convencional (signo linguístico) o universo da secundidade peirceana: dos fatos existenciais, da dualidade agente-paciente (de ações), do esforço-resistência, e do agir sobre objetos externos e sobre o próprio eu. (...) há um certo consenso entre os teóricos na concepção da descrição como registro dos atributos sensíveis das coisas, eventos, situações e pessoas, enquanto a narrativa começa onde começam os verbos de ação encadeados de modo a gerar um conflito de alguma espécie. (ibid, p. 323).



Já nos textos dissertativos predominam as ideias: "(...) a definição mais fiel de dissertação advém de sua caracterização como um diagrama de relações inteligíveis" (ibid, p. 351). Já para a posterior classificação em positivo, negativo e neutro atentamos para o princípio da pluralidade jornalística (GUERRA, 2012): consideramos neutro o texto que pontuava aspectos divergentes do mesmo tema, enquanto que positivos e negativos foram textos que apresentavam posicionamento frente a determinado ponto de vista.

Mas, compreendidos os caminhos metodológicos, convém compreender também um pouco mais sobre a revista, objeto a ser analisado, antes de apresentar os dados encontrados. A revista Nordeste 21 é desenvolvida pelo Instituto Nordeste 21 e publicada pela Editora Assaré, sediada em Fortaleza, Ceará. Sua periodicidade é mensal, com tiragem média de 15 mil exemplares, e com alcance para toda Região Nordeste no suporte impresso. A revista foi fundada em 2009, e trata sobre política, economia, educação, história e cultura, sempre com foco nos assuntos regionais. O conteúdo de edições anteriores está disponível na internet. Até o momento da conclusão deste artigo, a página da revista na internet, e da editora Assaré, mantiveram-se fora do ar.

**Tabela 1 – Níveis discursivos dos textos da seção “3º Milênio”**

Níveis	Nº de textos	Porcentagem
Descritivo	8	17%
Narrativo	25	53%
Dissertativo	14	30%

**Tabela 2 – Organizações citadas e quantitativo das citações**

Organizações	Nº de textos
Samsung	3
LHC	1
Anatel	1
Apple	10
Foxcom	1

Universidade de Nova York	1
Universidade de Michigan	1
Amazon	1
Broadcom	1
Intel	3
Nokia	2
IBM	1
Kodak	1
TBWA (Agência de publicidade)	1
E.Life	1
CCE	1
Sony	2
Universidade de Stanford	1
Google	3
CPQD	1
Microsoft	2
Universidade da Pensilvânia	1
LG	1
MIT	1
Hitashi	1

Um total de 42 textos faz menção a organizações, em maioria empresas privadas e universidades que desenvolvem tecnologias. Das 42, 10 são sobre a Apple. Aproximadamente, 89% dos textos faz menção a organizações. Destes, 24% são sobre a Apple. No total, dos 47 textos, aproximadamente 21% são sobre a Apple. Mas a

empresa estadunidense está presente mesmo quando não é diretamente citada: na seção “3º Milênio” existe um box chamado “curiosidades” que, na arte da página, tem o formato de um aparelho celular iPhone, da Apple. Mas, análise imagética está fora do alcance deste trabalho, restando sua observação informal.

**Tabela 3 – posicionamentos discursivos dos textos da seção “3º Milênio”**

Posicionamento	Nº de textos	Porcentagem
Positivo	28	60%
Negativo	2	4%
Neutro	17	36%

**Tabela 4 – Comparativo numérico dos níveis e posicionamentos discursivos**

Nº de textos	Positivo	Negativo	Neutro
Descritivo	4	0	4
Narrativo	14	1	10
Dissertativo	10	1	3

**Tabela 5 – Comparativo percentual dos níveis e posicionamentos discursivos**

Porcentagem	Positivo	Negativo	Neutro
Descritivo	8,5%	----	8,5%
Narrativo	30%	2%	21%
Dissertativo	21%	2%	6%

## 5 INTERPRETAÇÃO

Segundo os critérios de responsabilização social apresentados por THOMPSON (1995) a revista não deixa de cumprir com a obrigação de oferecer informação, e tampouco propaga valores ilegais e de desestabilização da ordem pública. Mas, quanto à propagação de informações e idéias que fomentem o pleno gozo das atividades democráticas, a cobertura da revista deixa a desejar por fornecer, em maior quantidade, textos positivos com forte ligação a organizações, em maioria privadas. Neste ponto, não diferem os textos positivos dos negativos pois, havendo um único ponto de vista no discurso, pode-se afirmar que não há propagação de valores democráticos.

Mais agravado fica, pelo fato de que os textos dissertativos são, em maioria, positivos. Isso significa que a revista, enquanto meio de comunicação de massa, tem lançado mão

de seu direito de dissertar (o que, invariavelmente, prevê a proposição de idéias, e é o conteúdo jornalístico de maior valor de mercado por exigir especialização mínima de quem o produz) para se posicionar a favor dos produtos de organizações, em maioria privada.

Quanto aos critérios de qualidade jornalística propostos por GUERRA (2012), o fato do percentual mais expressivo de textos estar no nível narrativo não representa problema. Ao contrário, uma vez que a atividade jornalística pode ser definida, grosso modo, como a narração de fatos. Mas, o autor propõe como critérios mínimos de qualidade do produto jornalístico a veracidade, a pluralidade e a relevância. Não fazem parte do alcance deste trabalho, metodologias de aferição da verdade, como atestação de fontes, mas é possível aferir a pluralidade, e inferir acerca da relevância.

Devido à predominância da Apple nos temas tratados, é possível questionar a pluralidade. Mas, sua carência se atesta pela predominância de textos não neutros, independente de serem positivos ou negativos. O pior se mostra ao constatarmos que o nível narrativo concentra a maior quantidade de textos positivos. Enquanto que, na responsabilidade social, questiona-se o direito de ser um veículo comercial a propor opiniões positivas, nos critérios internos à atividade jornalística o maior desencontro é em ser positivo narrando.

Pois, o que se espera do texto jornalístico enquanto produto, e do discurso jornalístico enquanto bem público, é sua objetividade, embora a definição desse aspecto seja tão controversa que muitos nem creiam na possibilidade de sua existência. Já o critério da relevância, embora não possa ser cuidadosamente analisado, se fragiliza pelos resultados encontrados, justamente pelo tamanho do comprometimento organizacional que os discursos da seção “3º Milênio”, da revista Nordeste 21 apresentam.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De modo geral, a revista Nordeste 21 apresenta conteúdo analítico, crítico e opinativo, cumprindo com a sua proposta, mas a seção “3º Milênio” mostra um padrão de cobertura que, apesar de apresentar níveis equilibrados de profundidade no discurso, ainda apresenta um padrão discursivo positivo sobre as inovações científicas e tecnológicas, sem relacioná-las com as tensões sociais, econômicas, políticas e culturais que envolvem o tema. Esse propósito, aliás, nem parece ser realmente a intenção desta



seção especificamente, o que torna ainda maior o lamento por tal postura da revista. E, mesmo aos critérios jornalísticos, ainda há uma grande distância dos padrões almejados, e sérias dúvidas sobre sua independência frente ao altíssimo grau de seu comprometimento organizacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ruy Belém de. SANTOS, Lourival Santana. **História Econômica**. São Cristóvão, SE: UFS/CESAD, 2009.

BRASIL, Antônio Carlos. **A revolução das imagens: uma nova proposta para o telejornalismo na era digital**. São Paulo: Moderna, 2005.

BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Disponível em < <http://nordestevinteum.wordpress.com/> > Acessado em 24/04/2013.

CASTRO, Celso. **Evolucionismo Cultural**. Rio Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GUERRA, Josenildo Luiz. **Transparência editorial: a credibilidade jornalística à luz dos sistemas de gestão da qualidade**. Trabalho apresentado no X SBPJor. Curitiba-PR. 8 a 10 de novembro de 2012.

GUERRA, Josenildo L. **Sistema de Gestão de Qualidade aplicado ao jornalismo: possibilidades e diretrizes**. E-Compós (Brasília), v. 13, p. 1-16, 2010. Disponível em <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/470/457>>

MOTA, Myriam B. BRAICK, Patrícia R. **História: das cavernas ao Terceiro Milênio**. São Paulo: Moderna, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.